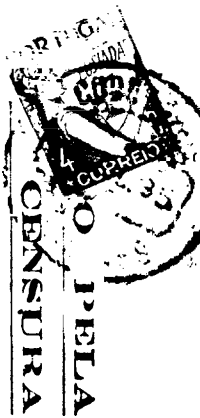


NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa
Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Um espírito de eleição

Conheci Eduardo de Almeida entre as sólidas cantarias da Universidade Coimbra. Salvo com os conterrâneos, por timidez comunicativa, acamardava pouco. Temperamento de observador e de estudioso já então se dava todo às questões literárias e aos problemas sociais. Para a Sebenta o *quantum satis*...

De resto, na fisionomia dêsse moço duma cândida modéstia espelhavam-se, claramente, a sua forte inteligência, a sua firme *drolture* e a sua adorável bondade. Aproximamo-nos uma vez que, à semelhança de aves friorentas, nos aquecíamos ao sol na *Via Latina* para nos desentorpecermos do regelo duma aula matutina de inverno. Separamo-nos, quando ambos deixamos Coimbra, há justamente trinta anos, com a ilusão da nossa mocidade e um bordão de arrimo para a caminhada pela ladeira da existência que era o diploma de bacharel.

Este não nos conduziu à portaria conventual do orçamento, mas serviu-nos apenas para entrar na arena da luta pela vida. Mais tarde as vicissitudes da política trouxeram-no de novo ao meu convívio, tendo eu tido a fortuna da sua colaboração com a qual, mais de perto e melhor, pude avaliar o primor das suas qualidades peregrinas. Estas, porém, por um mal entendido, só conhecido dos Fados, não lhe grangearam o triunfo merecido.

Assim, mesmo no meio vimaranesa — ninguém é profeta na sua terra! — o seu valor de escritor de relevo e de advogado de talento. No entanto Eduardo de Almeida, com a alma inquebrantável dos estóicos, através dos contratemplos e das agruras dos anos, não perdeu as virtudes que encantadoramente nêle desabrocharam nos nossos tempos académicos. Nem o azequeme nem a inveja o envenenaram. Não conta inimigos, segundo creio. O maior elogio que se pode fazer dêsse espírito de eleição, que é ao mesmo tempo um coração de ouro.

29 de Junho de 1935.
MANUEL MONTEIRO.

Eduardo de Almeida

Poucas semanas depois da minha vinda para esta encantadora Guimarães, de proféticas pedras e inspiração, certa manhã quente de Setembro em que acabára de ler «Vida de Sombras» do senhor doutor Eduardo de Almeida, desci ao Tournal com a vaga sensação de ter sonhado a novela, um pouco incoerente e difusa, e de terem passado no meu sonho as figuras mórbidas e fantásticas que a imaginação e o talento, entrecortado de relâmpagos e sombras, criaram. Achei neste livro o quer que fosse de Camilo e *Proust*: de Camilo talvez a acção e o ambiente em que as figuras se movem; de *Proust* aquêlê tom uniforme de cinsa em que os gestos que a memória incons-

cientemente guarda, e os outros apenas instintivamente esboçados se encontram à mesma distância da realidade tangível.

Esta primeira impressão que através do belo livro do senhor doutor Eduardo de Almeida me ficára, trouxe-me, como é natural, o mais vivo interesse de pessoalmente o conhecer, até que um Amigo comum, pessoa culta e distinta, me facilitou êsse desejo, levando-me a jantar em sua casa no mesmo dia para que convidára o senhor doutor Eduardo de Almeida.

E' velho costume dizer-se que à mesa se conhecem as pessoas e que melhor entre elas a intimidade se estreita. Não pertence o senhor doutor Eduardo de Almeida, escuso de o dizer, àquelas criaturas de fácil sensibilidade, a quem dois ou três encontros bastam para o tu cá, tu lá que a maior parte das vezes bruscadamente se quebra por falta de afinidades entre os novos amigos...

A sua natural cortesia é dessa qualidade rara que, ponderando-nos inteiramente à vontade, não permite — quando os outros podem aperceber-se disso — uma grosseria de qualquer natureza.

Durante o jantar que, recordo-me bem, foi agradabilíssimo sobre vários aspectos, tive-nos o senhor doutor Eduardo de Almeida presos da sua palavra medida, generosa, sem sombra de ironia. E, ao fim, no brinde em que agradeceu aos ilustres donos da casa as gentilezas que para sempre lhes ficamos devendo, admirei a suprema elegância com que soube dizer, naturalmente, sem o mínimo exôrcio ou artificio, as palavras mais gentis e amáveis, e ao mesmo tempo, as mais justas, sem a sombra sequer duma lisonja.

Passados quasi cinco anos, é ainda através destas duas primeiras impressões que vejo, estimo e considero o senhor doutor Eduardo de Almeida.

Américo Durão.

Dr. EDUARDO DE ALMEIDA

Este nosso ilustre Amigo e talentoso advogado tem sido muito felicitado por motivo da passagem do 30.º aniversário da sua formatura. Sabemos que S. Ex.ª recebeu durante a semana finda muitos telegramas e cartas de parabéns, o que é a prova segura de que tudo o que se escrever nestas colunas é a expressão da verdade.

Nas cartas e artigos que publicamos, em homenagem ao dr. Eduardo de Almeida, saíram algumas gralhas.

Na carta do sr. dr. Francisco Rodrigues lia-se *pertendemos o arraial festivo em vez de perturbemos*, o que alterou absolutamente o sentido da frase.

Nas palavras de homenagem escritas pelo sr. dr. Fernando Chaves lia-se, também, *simplesmente* em vez de *singelamente*.

Que todos nos perdôem.

ANUNCIAL DO NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

BEM SERVIR A NOSSA TERRA É BEM SERVIR A NAÇÃO

Em boa razão, nenhum cidadão tem o direito de negar à sua terra o melhor do seu esforço e, muito menos, a sua inteligência, sobretudo, nas ocasiões críticas ou quadras dolorosas que ela atravesse. Antes, tem o indeclinável dever de lhe dispensar o mais acrisolado amor, a par do mais alevantado esforço, cedendo-lhe o melhor da sua inteligência.

O bom cidadão deve saber destrinçar os interesses da grei ou da colectividade, se preferirem, dos interesses pessoais e ter a força de vontade precisa para calcar êstes e dar a merecida preferência àquelles. Infelizmente, há criaturas que não têm a inteligência precisa para fazer a destriça e há, também, outras — as peores — que sabendo destrinçar sobrepeem, sempre, os seus interesses pessoais aos da colectividade; os primeiros, pecam por ignorância e os segundos, por egoísmo. O ignorante, quando bem conduzido, mais pela persuasão do que pela violência, em geral, convence-se facilmente daquêle salutar princípio; o egoísta, em geral, reage à persuasão e, até, à violência, na maioria dos casos, para salvaguardar os seus interesses pessoais, relegando para segundo plano os interesses gerais, quer se trate da sua terra, da nação ou da Pátria.

Em Guimarães, como em tôdas as outras terras, há-de haver de tudo; isto é, bom, sofrível e mau, considerando bom, o cidadão ciente e consciente dos seus deveres; sofrível, o ignorante susceptível de se convencer; e mau, o egoísta, que é sempre inconvertível, porque a humanidade, para os egoístas, é zero. O egoísta, em qualquer terra, é a peor das calamidades, porque não há desinfectante, por mais enérgico, que o submeta e o domine.

Guimarães, com um passado histórico como nenhuma outra terra tem, porque só ela foi, e será, a detentora eterna de duas excelsas glórias: *berço bendito da Nacionalidade*; *berço augusto da nossa Independência*. Sentiu-se apoucada, há anos, por se ver isolada, quasi abandonada, por uma grande parte dos seus filhos, a quem o egoísmo cegára. Enquanto as suas irmãs progrediam, a olhos vistos, a vestusta Guimarães das arremetidas cheias de audácia leonina, dormitava. Entretanto, a pesar de decorridos oito séculos, êsses dois títulos de glória excelsa, só a ela continuam a caber, porque lhe pertencem e pertencerão pela eternidade fora. Não há abalo sísmico, nem político, que seja capaz de lhe arrancar êsses dois títulos de glória que são o justo orgulho dos vimaraneses. Poderá o seu vetusto castelo ruir com o tempo e o mesmo acontecer à velhinha igreja de S. Miguel do Castelo que lhe fica ao pé; poderá um terramoto alterar, profundamente, o esplendor dessa jóia — a Penha — ou modificar essa reliquia arqueológica — a Citânia — que essas duas glórias excelsas, *berço da nacionalidade e da independência*, são e serão eternas. Pertencem a Guimarães; e a mais ninguém! A actual capital, a Lisboa de mármore e de granito, não pode nem deve esquecer a sua irmã mais velha — Guimarães — como não pode olvidar que foi o braço forte de Afonso Henriques que a arrebatou ao mouro e que o rei «Conquistador» era vimaranesa por nascimento ilustre, valentia indômita e coragem sublimada.

Guimarães, de tão nobilíssimas tradições, não podia, porém, viver sonhando só com o seu glorioso passado; era necessário acordá-la da letargia que a dominava e conduzi-la para a vida progressiva, e dinamizada, servindo-a com disvelo e carinho. O maior impulso só a imprensa podia dar-lhe. Aparece, então, o «Notícias» lançando ao vento a sua patriótica divisa: *«por Guimarães; pela nossa terra!»* e começa, com as suas possibilidades iniciais, a missão bairrista que se impusera. As primeiras impressões de muitos vimaraneses são de espanto. Pois quê? Quem é que se atreve, irreverentemente, a interromper a modôra em que viviamos? E como mais profetas e peores bairristas, decretaram que o *impertinente* não teria longa vida. Há, porém, quem veja o assunto por prisma diferente e aplauda a atitude sincera, franca e desinteressada do novo semanário, prestando-lhe o seu concurso. E' quanto lhe basta; e o melhor incentivo. Não lhe falta colaboração. Vai focando os problemas mais urgentes e as necessidades mais instantes; critica o que julga mau; censura o que reputa nefasto; advoga o que lhe parece justo; clama pelo que é necessário; condena velharias; enfim, procura com ordem e dentro da

ordem — é bom frisá-lo — interessar a opinião vimaranesa na vida pública ou sejam os interesses vitais de Guimarães. Em poucos meses o «Notícias» estava lançado, mercê da simpatia que grangeára; e os incrédulos, que é como quem diz, os seus adversários, convencidos da realidade da sua existência. Não são, já, só os prosadores que o alimentam; poetas dos mais ilustres rendilham, também, as suas páginas, dando-lhe um realce de merecido destaque. Vai, como diz o vulgo, de vento em pópa; começa a faltar-lhe espaço em virtude da abundância de original o que o obriga, de vez em quando, a aumentar o número de páginas. Os simpatizantes alegrem-se; os mais intransigentes enervam-se acicados pela inveja; a calúnia não anda longe; e apesar de tudo o «Notícias» vai singrando com bom vento e melhorando as suas secções, não se esquecendo dos humildes, dos sem pão, proporcionando-lhes um relativo bem estar, pelo Natal, angariando-lhes nas suas colunas algumas centenas de escudos que lhes distribue para mitigar a fome. Este gesto do mais puro altruísmo cabe bem dentro da sua divisa: *«por Guimarães; pela nossa terra!»* Quem o excedeu nesta manifestação cristã do amor do próximo? Quem o auxiliou nesta santa cruzada de bem fazer? Evidentemente, os que lhe dão o seu apoio e nunca os discordantes e, muito menos, os seus detractores, os egoístas.

Na ânsia constante de bem servir a sua terra, o «Notícias», resolve-se a um esforço de alevantado patriotismo e dá-nos um número do Natal de incomparável beleza, talvez único no distrito. Para conseguir essa maravilha tem de transpôr as barreiras do concelho, porque Guimarães não possui já o arsenal tipográfico indispensável para semelhante empreendimento. Pouco importam os trabalhos e cansaças, como o dispêndio e a energia a consumir; o que é necessário é bem servir a nossa terra, arrancando-a do torpor em que vivia enaltecendo-a pelo trabalho. Essas dez, soito páginas duma encantadora policromia, filigranadas pelos poetas de maior renome, encerram, além da escolhida colaboração (menos a nossa) uma série de anúncios, a côres, de Barcelos, Pôrto, Lisboa e Guimarães, que representam um esforço invulgar, audaz, mesmo, da inteligência que ordenou a composição dêsse número que é uma autêntica coroa de glória do «Notícias» que bem se quadra e ajusta à sua divisa: *«por Guimarães; pela nossa terra!»* Pouco depois, insatisfeito ainda, apresentamos o número do seu terceiro aniversário, a côres, de oito páginas, profusamente ilustrado e, a seguir, como se tudo isto não fôsse bastante, nem suficiente, para atestar a sua inconfundível posição no concelho, no distrito e, até, no país inteiro, vai, ainda, mais além, oferecendo-nos o número inconfundível da Páscoa, ilustrado com cinco maravilhosos quadros de mestre Abel Cardoso e um Rougemont, afora a significativa «Ressurreição», da capa que, como a «Gloria in excelsis Deo», do Natal, são o repto moral mais eloquente e significativo, mais convincente e, também, mais contundente, que o «Notícias» podia, cristãmente, oferecer às línguas aceradas e às almas vis que injusta, atrevida e veladamente, o apodam de bolchevista e hereje, ateu e revirralista, tão somente porque não lhes advoga interesses pessoais — que, antes, calca — como não se presta a alimentar paixões infundadas ou destemperadas — que abomina — por colidirem com a sua missão renovadora e progressiva e, ao mesmo tempo, ordeira e pacífica. Se parar é morrer, lutar é viver. O «Notícias» luta para viver e fazer reviver a terra, que tem foros como nenhuma outra, e que bem merece dos seus filhos todos os esforços possíveis para readquirir o lugar a que tem direito.

Vida nova, processos novos. A adaptação tem de se fazer e, quanto mais tarde peor. Vida nova, com costumes velhos, é inconcebível e impraticável, por paradoxal. Guimarães está, ainda, muito aferrada a velhos costumes, a antigos hábitos e preconceitos velhissimos, que têm de ser modificados, em relação à vida moderna, acompanhando-a a par e passo. Todo o seu mal provém de não ter quebrado, a tempo, algemas que, por atavismo, a têm presa a um comodismo incompatível com o seu ressurgimento progressivo. O «Notícias» nasceu dentro da actual situação, visto esta ter nove anos de existência e, êle, pouco mais de três; nasceu, consequente-

mente, num período de plena renovação; não é de admirar que êle aproveite o bom vento para engrandecer a sua terra. Só uma criatura fundamentalmente estúpida, destituída, totalmente, de bom senso e com instintos tigrinos, poderá acoiar o «Notícias» de inígnia da situação. De resto, êsse injusto apôdo, é fácil de calcar. Desde o seu nascimento que o «Notícias» anda, fervorosamente empenhado na construção do monumento dos mortos da Grande Guerra; nunca negou a ninguém uma linha, sequer. Tem o «Notícias», com certeza, prejudicado os seus interesses materiais, na propaganda constante — e é isto que o honra e destaca — em prol do monumento que, mercê das providências dos ilustres e venerandos (pelo menos para mim) membros da Comissão Administrativa da Câmara, em breve — tenho essa fé — será levantado na vetusta Guimarães; pergunta-se: a quem se fica devendo, por consequência, essa obra imorredoura que atestará, pela eternidade fora, o pagamento dessa dívida sagrada de gratidão, por saldar há 17 anos, dívida que era uma autêntica vergonha? à situação!

A quem aproveita essa glória do tributo prestado à memória dos mártires da Pátria, que eram filhos de Guimarães? à situação!

Quem alimentou, intensamente, durante mais de três anos, a campanha «Pró-Monumento dos Mortos da Grande Guerra»? o «Notícias»!

Quem facilitou, por consequência, a missão que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal tomou a peito? o «Notícias»!

E quem se conduz desta maneira, pode ser considerado, com justiça, revirralista, que é, como quem diz, inimigo da situação?

Não! E não, porque a divisa do «Notícias»: *«por Guimarães; pela nossa terra!»* é a correspondente, no nosso concelho, à do Estado Novo, para todo o país: *Tudo pela Nação. Nada contra a Nação.* Estas duas divisas não se chocam, nem colidem; antes se congraçam pela afinidade patriótica que as liga e pela sinceridade de bem servir que as irmana; a sua justeza é perfeita. Só por embuste refinado, malévolo e tresandante de escumante rancor, algum nêscio, expelindo cicuta, poderá dizer que *«bem servir a nossa terra não é bem servir a Nação!»* A nossa terra, como a Nação, servem-se com factos e não com tretas; o monumento dos mortos da Grande Guerra, em Guimarães, há-de ser, em breve, um facto.

A inauguração do monumento honrará Guimarães, enaltecera a Câmara, dignificará a Situação, glorificará a memória dos mártires da Pátria e exaltarà a Nação. Para tudo isto, para êste conjunto contributivo, poderoso e fervorosamente, o «Notícias», juvenil pioneiro do ressurgimento da terra-mãe. E, tanto o paladino da divisa *«por Guimarães; pela nossa terra!»* como os prosadores que colaboram, muito ou pouco, pró-monumento, nada mais querem e nada mais desejam que a paz plena entre todos os vimaraneses e, acima de tudo, o bem da sua terra e o bem da Nação. Os louros a que têm já, depôz-nos, respeitadamente, no sacrossanto Altar da Pátria, simbolizado no seu vetusto Castelo, onde se gerou a nossa Nacionalidade e de onde, em hora bendita, irradiou, de norte a sul e de leste a oeste, a nossa Independência.

O acendrado amor bairrista do «Notícias» não é de hoje, nem de ontem; de há muito que êle se vem acentuando de forma inofensiva e até indiscutível. Quem, com mais carinho e mais fervor patriótico, exaltou o nome do Dr. Martins Sarmento, quando se erigiu o monumento? Quem com mais ardor bairrista, enalteceu o monumento de João Franco? Quem, recentemente ainda, procurou, mais que êle, elevar no conceito público o nome do Gravador Molarinho, quando se levou a efeito o monumento do artista insigne? Quem homenageou, mais intensamente, o poeta de eleição Bráulio Caldas? Quem? E, entretanto, todos êsses monumentos foram aumentados ao património artístico de Guimarães, dentro da actual Situação! E todos os números comemorativos são altamente dispêndiosos, quer pelo número de páginas, quer pelo número de gravuras que encerram.

Quem o excede em amor bairrista? Quem o iguala, ao menos? Ninguém. Ninguém o iguala e, muito menos, o excede no cumprimento do dever a que se impôs: trabalhar ou lutar (se preferirem) *por Guimarães; pela nossa terra!* Não é indispensável ser super-homem para bem servir a nossa terra. O sábio com a sua ciência e o tribuno com a sua

eloquência, o poeta com a sua lira, o guerreiro com a sua audácia e o orador sacro no púlpito, o médico no hospital e o advogado na sua banca, podem bem servir a sua terra e a Nação, sem dúvida. Mas, é certo, também quem bem serve a sua terra e a Nação, o rústico que curvado sobre a rabiça do arado, sob o sol ardente, revolteia a terra para nos dar o pão, como o pescador que arrisca a vida no mar e o que se aventura nas idas até aos bancos da Terra Nova, porque todos dão renome à sua terra e concorrem para a riqueza da Nação. Todos podem e devem, segundo as suas possibilidades — até o rústico, em geral analfabeto — bem servir a sua terra e a Nação. Os jornais, por consequência, não podem constituir uma excepção e devem, antes, submeter-se à regra geral. Assim procede o «Notícias» desde a sua aparição. Não é alfurja onde se conspire, nem balcão onde se mercadeje, porque não é empresa *«cujos accionistas estejam à espera de lucros; os lucros do «Notícias» são meramente espirituais, conforme a sua divisa: por Guimarães; pela nossa terra!»*

No «Notícias» ninguém se julga super-homem, nem é pretenidente a lugares de proeminência, como ninguém se arroga o exclusivo de cidadão exemplar. O desejo que em todos os peitos se afervora e acalenta, anima e encoraja, é o de bem servir a sua terra, com a certeza de bem servir a Nação, à sombra dessa divisa de puro e intrínseco bairrismo: *«por Guimarães; pela nossa terra!»*

Que êsse brado, repassado do mais ardente patriotismo e de fé inquebrantável pelo ressurgimento da vetusta e excelsa Guimarães, se repercuta, activa e solenemente, com retumbância cheia de encanto e magia, de serra em serra, de vale em vale, através dos outeiros, dos ribeiros e dos campos de todo o concelho, de modo que o seu eco nos permita ouvir no «Notícias», quasi ciantes, as sílabas dessa enternecedora, patriótica e comovente divisa: *«por... Guimarães... terra...; pe... la... nos... sa... te... rra!»*

Essas cinco palavras duma simpleza emocionante, correspondentes, como já vimos, aos cinco escudos que embelezam, com rutilante fulgor, o símbolo augusto e sacrossanto da nossa Pátria, fazem-nos rememorar a batalha memorável de Ourique, onde Afonso Henriques, vimaranesa ilustre, entre os mais ilustres, fez frente ao rei lsuar, que coligado com mais quatro reis mouros, derrotou e venceu, depois de dura e ingente batalha. Essa divisa, pois, pelo seu alto significado patriótico, e bem digna de figurar ou, melhor, espelhar-se no cabeçalho do «Notícias», a seguir ao nome de quem, fervorosa e patrioticamente, a criou *«por Guimarães; pela nossa terra!»* As duas divisas são bem dignas uma da outra porque, irmãs gêmeas, exprimem, afinal, o mesmo propósito e idêntico pensamento: *o amor da Pátria.*

Lisboa, Julho-935.
MANUEL DE GUIMARÃIS.

Biscas e... azes

Não se trata da bela e única secção de Rocha Martins. Muito menos, a epigrafe encobrirá remoque e piadinha para quem quer que seja. Todavia, ela corre boca e tem seu quê de engraçado: — *Para iluminar as feiras de S. Qualter há 25 contos; para iluminar as ruas, que estão quasi às escuras, não vale um... pataco dos antigos ou sequer... um pinto!* Apre!...

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO
ADVOGADOS
Escritório — R. Gravador Molarinho, 32
(Baixos da Assembleia)

Dr. J. Castro Ferreira
Ausente até fim de JULHO.

Carta de Lisboa

Estamos em pleno período de exames, que o mesmo é dizer de *cólicas*, coisa só capaz de ser definida por quem andou por liceus e faculdades. As *cólicas* dos estudantes correspondem as dos pais, as *cólicas* familiares, reveladas na inquietude an-iedade pelo resultado, que, se for um *chumbo*, causará efeitos perniciosos nos desequilibrados organismos. As reprovações, além das suas naturais consequências de ordem moral e de ordem material, acarretam, geralmente, dúvidas, protestos, revoltas, nem sempre, verdade seja, sem fundamento.

Terminados os exames, se se constata extenuador cataclismo, entram na baila os assuntos relativos à Instrução Pública, nos seus mais diversos aspectos. Aparecem, aos cardumes, esboços de soluções, alvites, sugestões. Os ensaios, entretanto, não têm fim, as reformas sucedem-se. Verifica-se este facto, aparentemente paradoxal: num país com avultado índice de analfabetos é excessiva a frequência dos cursos. Como impedir esta plethora de bachareis e licenciados? — Problemas sobre problemas que os pedagogos e os homens de Estado vão tentando resolver, até agora sem grandes resultados, ao que parece.

O exame é acabado. Isto entendemos por várias razões providas de directa observação. Conheçemos muitos *ursos* que só verdadeiramente o foram na vida prática, mas no sentido mordaz de epíteto; pelo contrário, rapazes que nunca mereceram dos mestres as distinções a que corresponde aquela extravagante classificação de sabor zoológico, alca çaram, onde eles são difíceis de alcançar, esplendidos triunfos, como homens superiormente inteligentes e capazes. Mas, as referidas razões são diversíssimas — e este lugar não é próprio para as expor, nem o cronista competente.

Os Santos de Junho, cujas figuras o povo transformou a seu gosto, imputando-lhes até certas funções que pouco se compadeçam com a severa dignidade de qualificados habitantes do império, foram festivamente rememorados. Consoante as terras e os lugares varia a predilecção por um ou outro. Aqui, em Lisboa, por exemplo, é Santo António o mais amado; S. João é o querido dos bracarense; S. Pedro goza de estima especial por parte dos vilarrealenses, etc.

O Santo Lisboaeta, porém, perdeu, este ano, grande terreno, com vantagem para S. Pedro, nas comemorações do pinhão, da gente humilde e simples, quasi sempre espontânea, ingénua e graciosa em suas folgações. Enquadro do Taumaturgo no ciclo das festas da cidade, oficializou-se, e o pinhão, que durante elas passou, horas sem conto, espartilhado, comprimido, ensandwichado, a esperar pelos desfiles, pelos cortejos, pelas marchas, não o festejou como era de uso. Contudo, tendo descansado durante o S. João dessas fadigas, apareceu nas ruas a glorificar o S. Pedro, com a alegria, a vivacidade e o entusiasmo postos até então nos louvores a Santo António.

Exibiram-se dezenas de *marchas* — as que se apresentaram nas Festas e outras, muitas outras, de inspiração exclusivamente popular, menos formais, menos *chicas* do que aquelas, mas, talvez, pelo menos algumas, mais de harmonia com o carácter tradicional destes folguedos. Um, constituídas por matulões; outras, em maior número, compostas de petizes, e muito mais interessantes. Os Lisboaetas, que se põem por andar atrás do balão — que vão mesmo, frequentemente, no balão — divertiram-se conforme a sua peculiar maneira.

Deve estar satisfeito, na celestial morada, o Santo pescador, o velho claviculário...

Um dos recursos de que pode lançar mão quem estiver aborrecido é a leitura dos anúncios do *Diário de Notícias*. Não é instrutiva, mas divertida. Raro será não se descobrirem vários que se salientem pelos disparates de redacção, de mistura com outros que no seu contexto abrigam, nuns casos, bem frequentes, por sinal, miserias trágicas, e, noutros, não menos frequentes, grandes, tremendas patifarias.

Os pequenos anúncios dos jornais têm dado origem, como motivo literário, a dezenas de páginas repletas de bom humor e de apurada psicologia. Dêles lhes falo agora para apontar um, inserto no referido jornal, no qual se pediam *Agentes*, e que começava nestes termos: "Precisa-se, em todas as localidades, pessoa ou comerciante,..." etc.

Esta pessoa ou comerciante não lembraria ao diabo. Certo que se trata de uma patacoada de *pretogúis*. Contudo, devemos concordar que, se o sr. J. Nunes — é esta a graça do anúncio — redigisse os seus anúncios com pretensões humorísticas, não teria tido mais chiste...

Deram três dias os jornais notícia de um caso factício, de aparência insignificante, mas digno de breves registo e comentário. É-llo, resumindo ao indispensável o que foi noticiado.

Uma senhora inglesa, de meia idade, muito passável, em extremo pretenciosa, possivelmente megalómana, recenseada com um francês de antecedentes pouco claros, ao que parece, e muito industrioso, ambicionou, para lustre e glória do seu lar, ascender à nobreza, adquirir um título. Logo um cavalheiro de várias manhas, se apro-

vitou da estulta vaidade da dama, propoudu-se, à custa dela, amearhar lindas moedas sonantes, de que muito carecia para arraios de vida. Para este efeito couven-eu a que lhe conseguira um condessado papal. A criatura que, pelos vistos, não fazia questão da origem da cubicida nobreza — o essencial era obter um brazãozinho... — aceitou, alvorçada, os serviços de tão prestante cidadã. Este, usando de meios habilidosos que, segundo julgamos, não foram totalmente desvendados, forjou um diploma que era, na verdade, o fiel retrato dos autênticos diplomas emanados da cúria pontificia. Aconteceu, porém, que — quando as coisas estavam prestes a consumarem-se, com honra para a futura condessa e proveito para o falsário — um sacerdote deu, casualmente, pela trama. Meteu-se a polícia no caso e seguiram-se as formalidades costumeiras, entre elas uma muito desagradável — a cadeia. Grande desilusão da tóla aspirante à fidalguia, que regressou a penates com o simpático marido.

Naturalmente, a madama em questão teria tautos dotes a recomendar para lhe ser concedida a distinção nobiliárquica como qualquer outra que, de facto, a ostente. Eufim — numa época em que os títulos falsificados são vulgares, este, ao menos, não chegou a ter cotação na praça. Moralidade: — a estupidez humana, neste caso revelada num dos seus mais grotescos aspectos, é infinita e impercível.

O desporto-rei é o da bola. Queiram ou não os seus detractores e aqueles que se limitam a julgarem se incapazes de o compreenderem. Como tantas, tão inúmeras vezes se tem verificado, nenhum outro o supera no interesse que desperta nas multidões. Será o melhor? Será o pior?

Isso é com os Técnicos. A verdade é que em todos os países ele triunfa e se impõe, forçando a assistência e ajuda das entidades oficiais, que reconhecem não poderem colocar-se à margem da manifestação desportiva mais do agrado dos povos. Foi sempre de boa política ir de encontro às predilecções do público, sobretudo quando elas não são prejudiciais. Ora, o foot-ball não é prejudicial desde que dirigentes e dirigidos, praticantes e o próprio público encarem as competições como elas devem ser encaradas.

Os lamentáveis conflitos que às vezes se verificam — não só entre nós, como em todas as nações — não são culpa do desporto em si, mas dos que o não sabem servir ou não o sabem entender. Entre nós, especialmente, o essencial é conseguir-se uma nítida consciência desportiva, — problema cuja solução tem de partir de cima para baixo. É indispensável que haja dirigentes sensatos, honestos, compreensivos, com a noção exacta dos seus deveres. A deseducação das massas desportivas é, afinal, produto da deseducação geral. Mas essas massas são facilmente maneáveis para o bom caminho, se o criterioso labor dos dirigentes for assistido de uma propaganda elevada, consciente, feita através da imprensa, que nem sempre, infelizmente, tem estado, nesta ou em outras mais coisas, à altura da sua missão.

Estas considerações vieram a propósito da recente final do campeonato de foot ball, sem dúvida um dos mais emocionantes espectáculos desportivos que a portugueses tem sido dado presenciar. Terminamo las com a afirmação, tantas vezes proclamada, mas ainda sem realização prática, de que é essencial desenvolver em Portugal o gosto pela educação física, base indispensável para a prática eficiente de todas as modalidades do desporto e para haver homens sãos, válidos, fortes.

Como nos informam que a actual direcção do Vitória vai nortear a sua acção de harmonia com esta flagrante verdade, daqui a felicitações e louvações. Composta por pessoas dotadas do preciso conjunto de qualidades para bem se desempenharem dos seus cargos, muito há a esperar da sua acção. Oxalá que, ao contrário do que é costume — costume por nós duramente experimentado — ao terminarem o seu mandato colham, como recompensa do esforço despendido, alguma coisa mais do que maldosa ingratidão.

Completo o seu primeiro aniversário *O Diabo*, tendo publicado um número comemorativo, de esplêndida apresentação gráfica, belamente colaborado por literatos e artistas. Parece impossível que no nosso país, alheio às manifestações do espírito, houvesse triunfado uma empresa tão difícil e arriscada como esta a que se lançou Artur Inez e os seus dedicados cooperadores. Felizmente, ela triunfou, e tudo leva a crer que esse triunfo se acentuará de futuro. É justo e compreensível o regosijo dos que trabalham em *O Diabo*.

A ele nos associamos, saudando calorosamente todos os seus colaboradores, e acompanhando do coração os votos, formulados no artigo intitulado *De Pé*, pelas prosperidades da República.

Dissemos na nossa penúltima carta que o cinquentenário de Vitor Hugo havia passado quasi despercebido. Afinal, sempre veio a realizar-se alguma coisa mais do que até então fora realizado. Assim, o aréopago dos *inmortais* — alguns o serão pela mediocridade... — celebrou o acon-

tecimento com uma sessão solene em que o sr. dr. Júlio Dantas, num discurso excelente de forma e de vivacidade, realçou a obra do genial escritor, com a coragem moral de desancar valentemente os doentes de miopia intelectual que, sem terem, na maioria dos casos, lido sequer a obra de Hugo, asniticamente a deprimem.

Se o presidente da Academia falasse sempre assim...

Quem rabisca estas *Cartas* conhece o dr. Francisco Soares, delegado do Procurador da República nessa cidade, por durante anos ter com ele contactado em serviços profissionais. Por esse motivo não o surpreendeu que o Conselho Judiciário houvesse prestado justiça a quem de distintissimo Magistrado. Surpreza seria, e grande, que S. Ex.ª não fosse distinguido como foi.

O dr. Francisco Soares reúne todas as qualidades que devem exornar os membros da Magistratura. Recúne-as em elevado grau. Não conheço quem mais escrupulosamente, digna e conscientemente se desempenhe das funções que lhe estão atribuídas. Rectilíneo de carácter, inteligente, sabedor, estudioso, compreende, como só raros os compreende, os encargos da profissão que serve.

Poucos também poderão conciliar, como o dr. Soares, a severidade da sua posição, com o mais agradável, mais educado e mais lhano trato social. Magistrado excepcional, cidadão de múltiplas virtudes, das facetas da sua personalidade desejo salientar: — a extrema correcção e a lealdade de que a todo o momento dá exuberantes provas, nas suas relações com os advogados e com todas as outras pessoas que, por obrigação de officio, frequentam o tribunal.

Esta expressão — «magistrado integro» — nem sempre é um meio lugar comum. No caso do dr. Francisco Soares corresponde inteiramente à realidade.

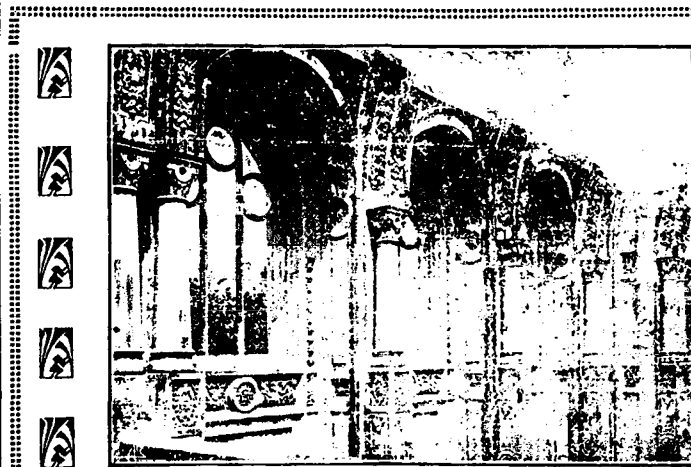
Ricardo Severo — português que no Brasil, há dezenas de anos a esta parte, tem representado o nosso país melhor do que muitos diplomatas de carreira — está em Portugal. O nosso eminente compatriota chegou discretamente e discretamente tem andado por cá. Se se tratasse de um daqueles figurões que de vez em quando arribam até nós, para comerem regaladamente o isco e, em seguida, regressados à terra de origem, um etc. e tal no anzol, — a recepção seria de pompa. Assim, porque se trata de um português que à sua pátria tem prestado preciosíssimos serviços, honrando e elevando a cultura nacional com obras verdadeiramente notáveis, o acontecimento pouco além foi da banalidade. Misérias d'este mundo...

J. S.

Ensino Técnico

Disse o sr. Ministro da Instrução, na sua última nota officiosa, que não vale a pena discutir um assunto em que todos, afinal, estamos de acôrdo. Nunca nos passou pelo espirito a ideia de discutirmos com s. ex.ª. A nossa intenção foi sempre a mesma — tratar, publicamente, de um assunto que é de incontestável utilidade pública.

Julgamos deficiente a forma por que se calculou, nas estações officiais, o rendimento numérico das escolas técnicas, porque, salvo o devido respeito, nos parece incompleto o critério básico adoptado para a determinação de tais números. Isto dissemos e isto continuamos a pensar. Hoje ainda com mais forte razão, por isso que na nota officiosa vem afirmar-se, como aliás já o tínhamos dito, frequentem as escolas profissionais duas espécies de alunos que, na classificação adoptada recebem a designação de *regulares* e *irregulares*. E mais ainda se confessava haverem sido considerados exclusiva-



Parte interior do Mosteiro.

S. TORCATO

Realiza-se hoje, em 2.º e ultimo dia, a Grande Romaria de S. Torcato, uma das maiores do país.

Começou ontem, continuando hoje, a Grande Romaria de S. Torcato, conhecida de Norte a Sul do País como uma das maiores e mais concorridas.

No nosso número último demos já, embora resumidamente, o programa. Por hoje resta-nos dizer que



Castelo de Guimarães — (Século X).

Mortos da Guerra

(a Aprigto Neves de Castro, combatente d'África)

MORTOS DA GUERRA, MEUS IRMÃOS ALADOS, AQUI VOS DEIXO, EM SENTIDA ROMAGEM, ESTAS SINGELAS FLÔRES DE HOMENAGEM, COLHIDAS ENTRE OS MAIS VIÇOSOS PRADOS.

PUDESSEM ELAS TRANSFORMAR-SE EM CARDOS DE SANGUE VIVO A 'SCORRER NA FOLHAGEM, EM REZA BRANDA COM A BRANDA ARAGEM, A FUNDIR-SE NOS MARES ENSANGUENTADOS.

MORTOS DA GUERRA, MEUS IRMÃOS QUERIDOS, DORMI EM PAZ O SONO DERRADEIRO, PORQUE ESTÁ VIVO, AINDA, O VOSSO IRMÃO:

SE NOVO GRITO ÊCOAR, SEJA EU O PRIMEIRO SOLDADO EM GUARDA DOS CAMPOS FLORIDOS DÊSTE BENDITO PORTUGAL CRISTÃO.

JUNHO DE 1935.

AFONSO FRANÇA.

riados e enumerá los seria longo. Até quasi impossível. Mas, entre todos, um salta aos olhos de quem anda dia a dia em contacto com as escolas profissionais: — a falta de assistência material à maioria daqueles que nelas se matriculam. A população académica das escolas técnicas é, por principio, pobre. Se foge da Escola, quasi sempre o faz forçada pelas duras condições materiais da vida. E como necessita de recursos para viver, logo que os pode arranjar debanda, mas, quasi na totalidade, com as lágrimas nos olhos. E' lei fatal da existência: — *primum vivere deinde philosophare*. Podem tornar-se os cursos maravilhosos que a permanência não aumentará enquanto a assistência escolar não for qualquer coisa de condigna. Que importa dividir o fim do curso uma situação económica desafogada, se, para lá chegar, for preciso morrer de fome pelo caminho? Quem se mete à estrada para ir buscar os velos de ouro se estiver condenado a morrer de fadiga a meio do percurso?

Algumas turmas, no principio do ano e não no fim, afirma o a nota officiosa, já têm a frequência reduzida. Mas em que escolas, em que localidades, em que altura dos cursos, em que anos isso se tem notado? Estes esclarecimentos são da maior importância para poder ajuzar-se com segurança o facto citado. Trata-se só de finalistas em 1934? Mas, se assim é, os dados estatísticos precisam de ser corrigidos com este esclarecimento: — em 1930 decretou-se uma reforma do ensino profissional, o que originou um período transitório e, no ano último, quasi ninguém termina os cursos.

Ora, como nas percentagens de rendimento não se teve este facto em linha de conta, não se dará o mesmo com a estatística das frequências?

O sr. ministro da Instrução, levado pelo mais alto espirito de bem esclarecer o País, tem nos honrado com as suas elucidativas notas officiosas e, por isso, de todos merece os maiores louvores.

Nós queremos ser os primeiros a salientar esta nobre attitude, que, com certeza, ficará constituindo um significativo exemplo na vida nacional.

«Do Diário de Notícias».

Nota da Redacção: — Transcrevemos o artigo supra, não só pela sua oportunidade, mas também por conter algumas afirmações identicas ás que fizemos no nosso último numero, naquilo que escrevemos sobre tal assunto, com a epigrafe de «Escolas Técnicas». Apraz nos registrar este facto, tanto mais que se trata de um grau de ensino que está a interessar vivamente todos aqueles que sabem reconhecer a sua indiscutível concordância. Oxalá que todos os esforços e todas as vontades se conjuguem no sentido de se lhe dar tóla a eficiência possível. E agora, que nós, vimeanenses, temos na Associação Commercial e Industrial desta cidade uma Direcção composta de elementos que não deixarão de se interessar pelo engrandecimento de Guimarães, chamamos a sua atenção para a nossa Escola Técnica, que, como já afirmamos, precisa de ter novos cursos na parte industrial e um curso mais completo de comércio. Mesmo

como se encontra organizada, é muito útil, mas não satisfaz todas as necessidades desta região, o que a torna uma Escola incompleta.

Homenagem ao dr. Eduardo de Almeida

Por nos terem chegado tarde só hoje publicamos os artigos da autoria do sr. dr. Manuel Monteiro, ilustre Juiz internacional no Cairo e dr. Américo Durão, distinto Poeta, colaboração que se destinava ao número passado que dedicamos ao nosso querido conterrâneo e Amigo sr. dr. Eduardo de Almeida.

Esses dois eloquentes artigos deviam ser acompanhados por um magnífico carvão, feito para o «Notícias de Guimarães» pelo nosso conterrâneo e distinto Professor do Liceu sr. dr. José Maria de Moura Machado. Como a gravura não nos chegou até há hora do jornal entrar na máquina publicá-la-emos oportunamente.

Pedimos imensa desculpa desta falta ao sr. dr. Moura Machado, a quem publicamente agradecemos o primoroso trabalho com que nos honrou.

A todas as pessoas que honraram estas colunas com os seus inteligentes escritos em homenagem ao dr. Eduardo de Almeida, anuindo assim ao convite que lhes fizemos, e ainda a todas aquelas — e tantas foram — que nos felicitaram pela iniciativa dessa justa consagração, aqui testemunhamos, publicamente também, o nosso agradecimento.

Fábrica de Pentas

Movida a água no Rio Vizela. Vende-se ou aluga-se por o seu dono a não poder administrar; Também se pode vender só o maquinismo e o alvará a quem quizer fazer a montagem noutra local.

Trata-se na Farmácia Ferreira — Negrelos.

SORTES DE MATO

Vendem-se duas próximo à estrada da Serra da Portela.

Nesta redacção se informa.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever dos vimeanenses.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Como este duque morreu sem ter mudado de estado e portanto sem descendentes, o ducado de Guimarães passou para a Corôa onde se conservou até ser dado ao 8.º duque de Bragança D. João II, depois rei 4.º do nome e primeiro da 4.ª dinastia. Alguns anos antes deste facto se dar, a duquesa D. Catarina, que fôra uma das pretendentes ao trono por morte do Cardial-rei, vendo que as suas pretensões patrióticas não se realizavam, dirigiu a Filipe I, de Portugal, um memorandum, no que lhe pedia o ducado de Guimarães para seu filho D. Teodósio II com todos os seus prós, precalços, jurisdicções e padroados, dados de jure e hereditário como o tiveram D. Fernando II, D. Jaime, e D. Teodósio I que o dera a sua irmã D. Isabel alegando que seu marido o duque D. João I, além dos muitos serviços que fizera à Corôa de Portugal, as muitas e nobrías despesas que também fizera para bem do reino.

Porém tal petição não teve deferimento.

D. Isabel, logo que o filho morreu, recolheu-se a umas casas pegadas ao convento de Santa Clara, em Lisboa, cuja clausura frequentava por um passadiço que para ali estabelecera. Faleceu em 16 de Setembro de 1516, isto é, trinta anos depois do marido. Teve sepultura no pavimento do côro de baixo, no convento das Chagas, como se conta da legenda tumular que diz o seguinte: *Aquí jaz a infanta D. Isabel, mulher do infante D. Duarte, filha do duque D. Jaime, que pela muita devoção que teve a esta casa, se mandou aqui lançar, em 1576. Com referência as duas filhas desta duquesa, resta-nos apenas dizer: D. Maria casou em 1561 com Alexandre Farnésio, duque de Parma e Placencia, filho de Octávio Farnésio e D. Margarida de Austria. Suas escrituras espousalicias foram lavradas em Madrid, na presença do representante da noiva, o seu tio materno, o duque de Bragança D. Teodósio I; D. Catarina casou em 1565 com o 6.º duque de Bragança D. João I em Lisboa, e foi uma das pretendentes ao trono português em 1580. Por ocasião deste consórcio D. João III elegeu a duquesa do condado de Barcelos. O primogénito de D. Teodósio II foi o sétimo e último duque de Guimarães. Era o 8.º duque de Bragança D. João II que tomou posse deste ducado aos 20 anos, 8 meses e 12 dias.*

Sua mãe D. Ana Velasco Giron era filha de D. João Fernandes Velasco, 7.º condestável de Castela e Leão, 6.º duque de Frias, camareiro mor de Filipe IV de Espanha, governador de Milão e presidente do Concelho de Guerra e Marinha e de D. Maria de Giron.

D. Filipe III deu-lhe o ducado de Guimarães quando elle casou com a espanhola D. Luísa de Gusmão, isento de quaisquer rendas e senhorios, ficando por isso D. João II senhor de três ducados: os de Bragança, de Guimarães e de Barcelos.

Os vimaranenses não gostaram que a sua terra passasse para a posse alheia. Tanto assim que os seus procuradores nas côrtes de Santarém e depois, quando D. Filipe entrou em Portugal, prestando-lhe obediência, pediram-lhe que mantivesse a vila alheia completamente ao domínio dos Braganças. Até mandaram algumas vezes gente da sua a Madrid — diz um escritor vimaranense — e demorar nela não podia nenhum fidalgo mais de oito dias.

(1) J. M. de Meira no Concelho de Guimarães.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

Correias e Mangueiras

Precisa-se de agente para a venda destes artigos de uma reputada marca mundial. Neste jornal se diz.

Nota officiosa do M.º das Finanças

Foi-nos enviada a seguinte:

A administração e contas do Estado são referidas a anos, chamados anos económicos, que até ao decreto-lei de 6 de Maio último corriam de 1 de Julho de um ano até 30 de Junho do ano seguinte. Pelas razões expostas no relatório daquele decreto, as quais se resumem afinal em tornar mais simples e compreensíveis as contas públicas e as relações do Estado com os contribuintes, habituados na sua vida ao ano civil, quer dizer, ao ano decorrente de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro, foi decretado que o ano económico passasse a coincidir com o ano civil.

De harmonia com este principio foi publicado outro decreto que fixou as normas a observar no lançamento das contribuições por forma que a sua cobrança se effectuasse igualmente por anos civis. Para se fazer o ajustamento do antigo sistema ao novo, foi necessário constituir excepcionalmente com o meio ano que vai de 1 de Julho a 31 de Dezembro deste ano, um periodo para lançamento e cobrança dos impostos, o qual é independente do ano económico que finda em 30 de Junho e do que há de contar-se desde 1 de Janeiro.

Esta medida não traz qualquer encargo a mais para os contribuintes, devendo entretanto chamar-se a atenção para as seguintes circunstâncias:

- a) Os contribuintes que habitualmente recebem em Junho o aviso para pagamento das suas contribuições respeitantes a um ano completo e cuja cobrança começava em 1 de Julho, devem ter este ano recebido avisos cuja importância anda por metade do que costumava ser. Pagando esta importância em Julho aqueles que deveriam fazê-lo por uma só vez, ou em Julho e Outubro os que tinham direito à divisão em 4 prestações, ficam quites os contribuintes com a Fazenda até 31 de Dezembro 1935.
- b) Neste mês de Dezembro devem os contribuintes receber novo aviso — e este então já referido a um ano de contribuição — o de 1936 — que poderão pagar em Janeiro e Julho os que puderam efectuar o pagamento em 2 prestações, e em Janeiro, Abril, Julho e Outubro os que tiverem requerido o seu pagamento em 4 prestações.
- c) Do que procede resulta que os contribuintes habituados a pagar os impostos em prestações, continuam a pagar as mesmas prestações e nos mesmos meses; e os que os pagavam numa só prestação, ficando desobrigados por todo o ano, terão de excepcionalmente pagar em Julho metade do seu débito anual, e voltando em Janeiro ao regime de pagamento das contribuições por um ano todo. Não serão assim já possíveis no futuro as confusões resultantes dos anos económicos, compostos de duas metades de anos civis, porque os impostos desde 1 de Janeiro de 1936 respeitarão aos anos civis.

Ministério das Finanças, 26 de Junho de 1935.

Da Cidade

Rendimento de S. Torcato — Tendo-se procedido, no dia 30 de Junho, na forma dos anos anteriores, à abertura dos cofres de esmolas de S. Torcato, verificou-se que o rendimento até aquela data foi de esc. 15.072\$85, fora o ágio de 4 libras em ouro.

O rendimento foi superior ao de igual mês do ano findo, escudos 3.935\$85.

Feiras Francas de S. Gualter — No salão nobre da Câmara Municipal reuniram-se a comissão nomeada em sessão da C. A. para promover as Feiras de S. Gualter, a qual se compõe dos srs. António José Pereira de Lima, administrador do concelho, A. L. de Carvalho e dr. José Maria de Castro Ferreira, vereadores da mesma C. A. bem como alguns representantes das Associações Commercial e Industrial e dos Empregados do Comércio e outras entidades, a fim de trocarem impressões sobre a realização daquelas Feiras.

Travassou-se uma animada discussão, ficando resolvido iniciar já os trabalhos.

Consta-nos que as Feiras serão

vestidas de muito brilho, havendo três festivais noturnos, um dos quais no Jardim Público, com o concurso de um afamado grupo de Rendilheiras, e dois no vasto Largo da República do Brazil.

Serão contratadas algumas bandas de música, das mais reputadas da região bem como afamados pirotecnicos.

Semana do Café Colonial — No próximo domingo, dia 14, inicia-se a «Semana do Café Colonial» que nesta cidade será, também, a exemplo do que se faz em outras terras do paiz, solenizada.

E' recomendada durante a semana a compra do Café Colonial e nos estabelecimentos da especialidade far-se-á a sua propaganda. A Associação Commercial e Industrial patrocinará a iniciativa.

Ocorrências — Joaquina Gonçalves, proprietária, do lugar das Fontainhas, freguesia de S. Martinho de Candoos queixou-se à policia de lhe terem furtado, num dos dias da semana finda, da casa da sua residência, um cordão de ouro e uma corrente do mesmo metal bem como uma carteira com mil escudos em dinheiro.

Consul da Argentina — Com sua familia, encontra-se hospedado no Hotel da Penha, o sr. Consul da Argentina, em Lisboa.

Museu Alberto Sampaio — Acompanhado pela sua professora, sr.ª D. Lúcia de Carvalho Araújo, visitaram este Museu os alunos da escola oficial de Moreira de Cónegos

Club de Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães — Deste Club recebemos, assinado pelo vice-presidente da sua direcção, o nosso amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães, um penhorante officio que passamos a transcrever: ... Sr. director do «Noticias de Guimarães»

A direcção do Club dos Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, na sua primeira sessão ordinária, de 9 do corrente, resolveu saudar o «Noticias de Guimarães» o que gostosamente comunico a V. ...

A bem da Nação
O vice-presidente,
Manuel Soares Moreira Guimarães.

Guimarães e Secretaria do Club de Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, 27 de Junho de 1935.

Embora tenhamos já agradecido esta atenção do Club dos Caçadores cumpre-nos testemunhar, aqui, publicamente, o nosso agradecimento, ao mesmo tempo que fazemos votos pelas prosperidades daquela colectividade.

Estância Termal das Taipas — O correio trouxe-nos, há dias, um folheto de propaganda das afamadas Termas das Taipas, bem como um convite para visitar o Balcário e Hotel, convite que vem assinado pela nova direcção composta pelos srs.: António de Magalhães Afonso Marinho, Belarmino Ferreira da Cruz e José Jacinto Júnior.

Agradecendo o convite a que oportunamente anuíremos, cumpre-nos felicitar a nova direcção composta por pessoas de iniciativa, e desejar ao mesmo tempo as maiores prosperidades à admirável Estância de Cura e Repouso.

Vinhos Verdes — Durante o mês findo foram manifestados para consumo neste concelho 402.604 litros de vinho tinto e 3.770 de vinho branco, e para fora do concelho 221.307 litros de vinho tinto e 4.020 litros de vinho branco, ficando a existir ainda 4.508.102 de vinho tinto e 53.226 de vinho branco.

Licoe de Martins Sarmento — Resultados do movimento dos alunos durante o ano lectivo de 1934-1935: 1.ª classe — Transitaram de classe 32 —, 5 rep. 2.ª classe — Admitidos a exame, 44, rep. 2 e uma anulação de matricula 3.ª classe — Transitaram de classe 51, e uma anulação de matricula. 4.ª classe —

Transitaram de classe 22, rep. 3 e 1 por faltas. 5.ª classe — Admitidos a exame 24, rep. 2 e 4 anulações de matricula.

Capitão Mário Cardoso — Em serviço militar, seguiu para Mafra, onde vai demorar-se algum tempo, o sr. Capitão Mário Cardoso.

Casamento — No templo de N. S. da Oliveira realizou-se, no último domingo, o casamento do nosso amigo, sr. Júlio Mendes, 2.º sargento de caçadores 9, com a sr.ª Helena da Silva Soares de Moura Faria Mendes, gentil filha do sr. António Gomes de Moura Faria e de D. Tezra Soares Faria (já falecida).

Foi celebrante o rev.º cura da freguesia da Oliveira — António Quesado.

Testemunharam o acto: — Por parte da noiva o sr. dr. Artur Couto, e a sr.ª D. Teodora da Silva Campelo, avó da noiva; e, por parte do noivo, seus pais Na «corbeille» dos noivos viam-se muitas prendas.

Finda a cerimonia religiosa, foi oferecido, aos noivos, na Pastelaria Vitória, um «Porto de Honra»

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Ocorrências — No lugar do Ribeiro, freguesia de S. João de Brito, deste concelho, manifestou-se, na madrugada de 6.ª feira, um grande e violento incêndio numa propriedade do industrial sr. Alfredo Inácio da Cunha Guimarães, tendo ficado destruídas uma casa nova, habitada pelos lavradores-caseiros, João e Jerónimo Baptista, as cortes de gado, os alpendres e a barra.

Compareceram as corporações dos Bombeiros Voluntários de Famalicão e Famalicenses, sob o comando, respectivamente, dos srs. Horácio Portela e António Folhadela Melo, a dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, sob a direcção dos srs. José Luiz de Pina e Antonio Lima, e a dos Bombeiros Voluntários das Taipas.

Trabalharam quatro agulhetas alimentadas por água do rio Ave. Arderam cerca de 8 carros de cereais, algumas pipas de vinho, roupas, mobílias e diversos utensílios agrícolas, tendo desaparecido também diversos objectos de ouro. Os prejuizos são importantes, mas estão cobertos pelo seguro.

No local juntaram-se muitos populares e compareceram os agentes da autoridade.

Na Fábrica da Cuca, propriedade da Empresa Textil da Cuca, edificada na freguesia de Moreira de Cónegos, deste concelho, produziu-se uma explosão em um dos autoclaves da officina de tinturaria, na quarta-feira passada.

Do desastre — que não teve a importância que a principio se lhe attribuiu, saiu ferido o operário José Pinto, casado, de 40 anos, residente na freguesia de Lordelo, que foi conduzido ao hospital da Misericórdia do Porto.

Registo civil — O movimento nesta repartição, durante o mês findo, foi o seguinte: casamentos, 12; nascimentos, 206; óbitos, 83.

Cemitério Municipal — O movimento no cemitério Municipal, durante o mês de Junho, foi o seguinte: Adultos: do sexo masculino, 8; sexo feminino, 6. Adolescentes: sexo masculino, 10; sexo feminino, 5. Total de enterramentos, 35.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Encontra-se nesta cidade o nosso illustre conterrâneo sr. Conselheiro dr. José da Mota Prego.

— Regressou de Vichy, com sua esposa, o sr. Antão de Lencastre, nosso bom amigo e distinto gerente do Banco de Portugal.

— Fez anos, no dia 28, o nosso bom amigo e estimado industrial sr. António Faria Martins a quem, embora tarde, felicitamos.

— Com sua esposa e filha partiu para a Póvoa de Varzim o distinto clinico e nosso bom amigo sr. dr. José Maria de Castro Ferreira.

— Regressou do Vidago, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

— Com suas familias seguiram para a Póvoa de Varzim os nossos amigos srs. Gualdino Pereira, José de Oliveira, Manuel Machado, António e Joaquim da Silva Xavier, José Teixeira e Paulino de Magalhães.

— Faz anos no próximo dia 10 o nosso amigo sr. Francisco de Faria, a quem felicitamos.

— Entrou em vias de restabelecimento o nosso amigo sr. Domingos Freiria. Folgamos.

FALECIMENTOS

Contando 24 anos de idade, faleceu, vitimado pela terrível tuberculose, o empregado commercial sr. José de Almeida Ribeiro, filho do sr. José Ribeiro e da professora official de Creixomil sr.ª D. Beatriz Belmira de Abreu Ribeiro, e irmão dos srs. Anselmo, Domingos e Francisco de Almeida Ribeiro.

O seu funeral realiza-se hoje. Pésames à familia dorida.

NOTÍCIAS RELIGIOSAS

Principia no próximo domingo, 7, pelas 9 1/2 horas da manhã e nos outros dias ás 10 horas, as novenas preparatórias da festividade a Nossa Senhora do Carmo, a realizar no próximo dia 16, sendo orador o Rev. Abade de Folgosa da Maia.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Filhos de Tuberculosos

— As mães tuberculosas, que lêrem este artigo, devem meditar sobre o triste destino dos filhos.

— Todo o tuberculoso deve saber que o é, e isso para o seu próprio bem e daqueles que o rodeiam.

Que fazer ao filho ou aos filhos dos tuberculosos, sobretudo de mães tuberculosas, afim de evitar que elles adquiram a terrível infecção?

Ao entrarmos numa modesta casinha, — morada colectiva da doença, da miséria, da dôr, e de um casal de infelizes tuberculosos, com três desgraçadas criancinhas; ao penetrarmos a casa da abastança, onde a peste branca estabeleceu o mesmo infortúnio, — essa grave questão, a resolver, muitas vezes nos assalta o espirito.

A solução é difficilima. Vários e poderosos empecilhos a complicam, dentre elles os de causa sentimental. Não é, fácil afastar um filho do regaço materno. A certas mães isso corresponde a arrancar-lhes o coração; a outras, de ânimo forte e espirito clarividente, a separação, embora dolorosa, aceita com resignação, porquem é para o bem do ente querido.

Há casos mais sérios, em que os pais não sabem que são tuberculosos ou ignoram os perigos que representa para os filhos a tuberculose aberta, em plena disseminação de bacilos.

Livrar as crianças do mal, nestes casos, quasi só por milagre, dadas as difficuldades expostas e a falta de meios para levar a efeito a sequestração profilática das mesmas. A ignorância, a miséria, a promiscuidade tornam o problema quasi insolúvel. Entretanto, é preciso encontrar-se uma chave para resolver o problema da protecção à infância contra este mal, cuja influencia letal vai-se tornando cada vez mais séria, arrastando ao túmulo milhares de criaturas anualmente.

E' o contágio humano, inter-humano, a grande fonte infecciosa das crianças, como dos adultos. A inhação ou a ingestão respectivamente de perdigotos e de poeiras ricas de bacilos virulentos, espalhados por tuberculosos, constitue principiaes meios de propagação. A mãe ou pai, tossindo ou simplesmente falando próximo do filho esparze sobre elle os germens, também encontrados na poeira das habitações onde residem indivíduos que escarram ou cospem no chão.

E' difficil, portanto, uma criança, na 1.ª ou 2.ª infancia escapar da tuberculose dos pais. Na creche do Hospital Laenec, dentre 128 crianças nascidas de mães tuberculosas (com bacilos nos escarros), 95 foram reconhecidas com esta doença; 33 somente estavam indenes. Mas estas 33 teriam resistido ao contacto infeccioso, nos meses ou anos seguintes? Temos fundadas dúvidas que não. Cada ano que finda, menores são as probabilidades de escapar. Debré, estudando o assunto, calcula que uma criança, vivendo com a mãe, vítima da tuberculose aberta, até 3 meses de contacto, tem uma probabilidade sobre 2 de escapar ao contágio e, ao fim de 6 meses, não tem praticamente nenhum.

Pelo exposto, chega-se à seguinte conclusão: é indispensável afastar, quanto mais cedo possível, a criança de mãe tuberculosa. Na Europa, a base da profilaxia anti-tuberculosa dos lactandos consiste nas «creches de prevenção» que a Alemanha possuía, em 1922, em número de 257, com 18.983 leitões.

Como não podemos lançar mão dêsse meio, resta-nos o unico recurso... aconselhar, solicitar o auxilio humanitário dos parentes, afim de afastarem as crianças dos focos, collocando-as em boas condições sanitárias e sob a atenta vigilância medica.

Estamos muito atrasados em assistencia hospitalar aos tuberculosos. Debré, com a sua experiencia, chegou ás seguintes conclusões quanto aos filhos de tuberculosos: 1.º, um contacto pouco prolongado basta para contaminar, raramente para matar; 2.º, a contaminação é tanto menos perigosa quando tem lugar em idade avançada; 3.º, as probabilidades de sobrevivência serão na razão inversa da intimidade do contacto e da insalubridade do local; 4.º, o lactante tem tanto mais probabilidade de sobreviver, quanto mais tempo resistiu à infecção, após ter-se separado do foco onde se súper-infectava.

Palestras Agrícolas

Frutas e Pomares

Seria calar uma verdade importante não confessar que no que respeita a exportação de frutos bastante se tem feito nos dois últimos anos. Cuidados de escolha, de embalagem e de qualidades conseguiram criar uma situação favorável ás nossas frutas em mercados estrangeiros. Portanto, a difficuldade está vencida lá fora. Fica, no entanto, cá dentro um grande problema a resolver: produzir boa fruta em quantidade necessária para manter êsse commercio externo. Dir-nos-ão os optimistas: Portugal está cheio de fruta. E nós responderemos: E' infelizmente verdade.

Para os que se admirem com esta palavra infelizmente, é que se escreve estas linhas

Portugal tem muita fruta. E' um mal. Portugal tem variadissimas castas de fruta: Pior ainda.

E' moda nossa, quando temos uma quinta querer que ela dê tudo, tudo!... quem tiver cinquenta pereiras sentir-se-á desonrado, se não tiver pelo menos, vinte qualidades de peras.

Ora êste é que é o defeito, o grande mal dos nossos pomares, se pensarmos a sério em abastecer mercados estrangeiros. Nesses mercados há uma tantas castas clássicas, já nêles conhecidas que obtêm preço alto porque resistem à viagem, porque estão dentro do paladar habitado dos compradores, porque são em última análise — aquilo que elles querem comprar.

Inovações não as aceitam, surpresas não os comovem.

E, portanto, neste sentido que queríamos ver orientada a nossa cultura pomícola.

No que respeita a uvas já sabemos que a ferral, a diagalves e a moscalet teem boa aceitação. De maçãs temporais também são bem conhecidas as castas preferidas. Mas isso pouco é em relação ao muito que se podia saber.

As maçãs de inverno, as peras de inverno, podem ser o mais importante objecto de exportação se cultivarmos bem as caatas que a par da sua resistência e maturação serdã tenham bom aspecto e já sejam conhecidas nesses mercados.

E' tempo de perdermos a ilusão da quinta que dá tudo e do pomar de mil variedades. Antes ter uma ou duas castas de fruta com venda certa e remuneradora de que um mostruário de qualidades que só interessam as visitas da casa.

As árvores feitas são susceptiveis de enxertiar, por isso, não é muito difficil regenerar e uniformisar a produção dos nossos pomares.

GABRIEL CORRÊA.
do Bureau Internacional de Agronomia,

HERMA

INSTITUTO DE BELEZA

Braga — Rua Miguel Bombarda, 39 (Junto à Arcada)

Montado com todos os requisitos modernos, comodidade e asseio.

Efectuam-se todos os trabalhos de Cabelheiro tais como: ondulações permanentes, Anarcel, mise-en-plis, massagens, manicure, etc.

A secção de Cabelheiro está sob a direcção de:

M.ª Herta
(do Salão Várzea, do Porto)

A secção de beleza é dirigida por:

M.ª Francelina
do Instituto Imperial de Beleza, do Porto

PREÇOS MÓDICOS

Pessoal exclusivamente feminino

CAMISAS
DINAMIC
MALHA DE SEDA

DINAMIC
POPELINE DE SEDA

MEIAS

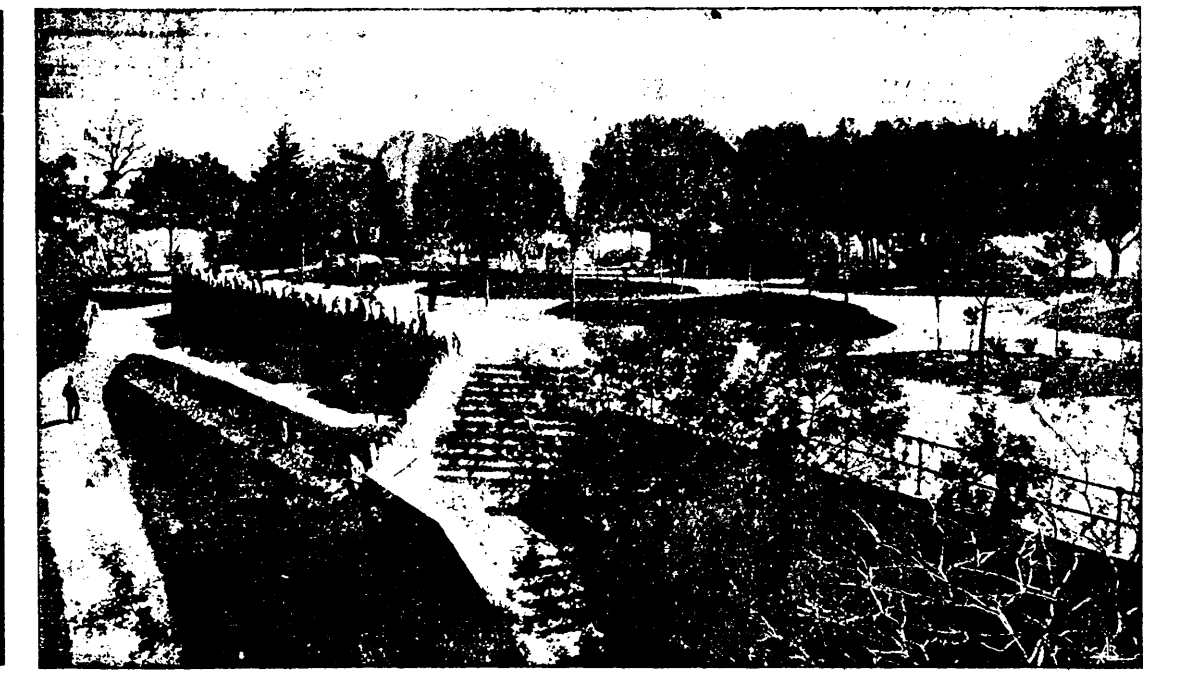
EXEMPLINE
POPELINE DE SEDA

GRAVATAS T A B Ú
POPELINE

APRESENTA AS ULTIMAS NOVIDADES

SHIMY
CREPE SANTÉ

LOJA DAS CAMISAS
(JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL)



Penha - Guimarães. Um aspecto do Parque.

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

ALFAIATARIA

DE

Jacinto José Ribeiro (Ribeiro, Filho)

Participa aos Ex. mos fregueses e amigos que já recebeu grande sortido de fazendas para a estação de Verão, em padrões de alta novidade, as quais tem a preços excepcionais expostas na sua vitrine, no Largo Conselheiro João Franco.

Telefone, 177

GUIMARÃIS

Casa de Santa Teresinha

Papelaria, artigos religiosos, livraria

Rua da República, 122 — Guimarães

Sortido em livros de Missa e de todas as edições religiosas para crentes.

Preços convidativos

A única casa especializada no género.

O maior e mais completo sortido em casimiras, artigo novidade, para a estação de verão.

CREPE RADIO: 7\$50.

As melhores qualidades. Os melhores preços.



5 VANTAGENS DO PAPEL DE FUMAR ARROZ "Smoking"

- 1 Oferece garantia máxima de higiene por ser a mortalha fabricada inteiramente por meio de processos mecânicos.
- 2 Resistencia e elasticidade do papel suficientes para evitar que se rasgue ao fazer o cigarro.
- 3 E' inofensivo e não irrita a garganta, porque não contem substâncias quínicas nocivas.
- 4 Sua combustão se bem que lenta, impede que o cigarro se apague logo que se deixa de fumar.
- 5 Seu bom sabor e aroma.

A venda em toda a parte.

Deposítarios em Guimarães: Francisco Joaquim de Freitas & Genro José Pinheiro

VENDE-SE

No lugar de Caneiros, freguesia de Fermentões, dois campos, um dos quais confina com a estrada de Guimarães a Braga, dando bom rendimento em milho e vinho. Quem pretender dirija-se ao caseiro Francisco Silva.

Desporto

O Foot-ball Club do Pôrto vence o Vitória pelo exagerado score de 9-1 — Carinhosa recepção — Sessão de boas-vindas

E' sempre com geral agrado e profunda simpatia que os vimaranenses recebem na sua terra o F. C. do Pôrto. E não é de estranhar que tal se dê porque os Campeões da 1.ª Liga de Portugal, não só em Guimarães como em toda a parte, podemos afirmá-lo, tem sabido manter sempre uma linha de conduta inexcusável, impondo-os assim à consideração e estima de todos aqueles que tem a verdadeira compreensão do Desporto. O valoroso grupo visitante foi recebido fora de Guimarães por uma grande caravana de automóveis. Formou-se um longo cortejo até à sede do V. S. C. onde lhes foram dadas as boas-vindas. A Direcção do Vitória, querendo homenagear o Club que tantas tardes de glória tem conquistado para o seu Paiz, nomeou-o sócio honorário. A's 17,30 iniciou-se, sob a arbitragem de António Neves o

JOGO.

Coube a saída ao Vitória, que encrava na linha média. Jogadas imprecisas por parte dos vimaranenses contra a melhor personalidade dos Campeões da Liga. Waldemar tira um potente remate à figura de Adélio, que não segura e consente o 1.º goal. Minutos decorridos, regista-se uma primorosa jogada da aza esquerda, rematada com um excelente golpe de cabeça de Waldemar que faz o 2.º goal. Adélio acusando nitida decalca de forma, vai comprometendo o Vitória com a sua péssima exibição. E assim consente a marcação do 3.º goal de um remate frouxo de Pinga. O Vitória tem equilibrado a partida, tem-se aguentado bem, não merecendo o resultado, por severo, consentido pelo mau trabalho do guarda-redes. Carlos Pereira de longe, tenta o goal e Adélio, ante a surpresa geral, deixa passar a bola por cima da cabeça. O Pôrto está a ganhar por 4-0. O Vitória assedia as redes do Pôrto, com entusiasmo. Avelino tem um pontapé longo e os avançados perseguem o esférico. Jaime passa forte a Adélio... que, desatento, deixa entrar o 5.º goal. O sexto não se fez demorar. Carlos Mesquita, em nitida deslocação, bate facilmente o guarda-redes e assim termina o 1.º tempo.

2.º TEMPO

Elisio substitue Adélio nas redes. O Vitória lança-se com entusiasmo ao ataque, obrigando a defesa do Pôrto a ceder alguns cantos. Simões na marcação de um, consegue o goal de honra de colaboração com Soares dos Reis. O jogo prossegue com equilíbrio e Elisio nas redes dá maior confiança. Carlos Mesquita bate pela 7.ª vez as redes do Vitória. Apesar disso os alvi-negros não cedem, continuando o jogo com muita vivacidade. Waldemar, nitidamente deslocado, enfa o 8.º goal.

E quasi no final, o único deslize de Elisio dá a nona bola, marcada por Pinga.

Os grupos alinharam: F. C. P.: Soares dos Reis, Avelino e Jerónimo; Nova, Pôças e C. Pereira; Raúl, Waldemar, Carlos Mesquita, Pinga e Nunes. Vitória: Adélio (depois Elisio), Jaime e Ferreira; José Maria, Laureta e Mário; Néné, Faria, Simões, Virgília e Bravo.

IMPRESSÕES GERAIS

O F. C. P. fez a sua melhor exibição em Guimarães.

Demonstrou o seu grande poder como excelente equipe, quer em primorosos esquemas de jogo, quer em excelentes desmarcações. O Vitória foi duramente batido. Fez também a mais equilibrada partida das que tem sustentado com o adversário de hoje, não merecendo como prêmio a maior derrota da sua carreira. Os jogadores do Pôrto, todos jogaram bem. No entretanto sobressairam, Carlos Pereira, Waldemar, Pinga e Nunes. O médio centro desnivelado com a categoria do team.

Do Vitória; Adélio, absolutamente desastrado, com as suas intervenções comprometeu o seu grupo derrotando-o ingloriamente.

Elisio substitui com vantagem o titular. Bloqueando com segurança, salvou muitas vezes as redes do Vitória. Infeliz na marcação do 9.º goal do Pôrto. Jaime e Ferreira: um par defensivo, que actuou sempre dentro das suas possibilidades, às vezes até com brilho. José Maria, o peor dos médios. Perdido no campo andou sempre à procura de qualquer coisa que nunca encontrou. Laureta, fraco no primeiro tempo, melhorando consideravelmente no segundo. Mário, o mais regular de todos. Energia e bons lançamentos aos extremos. Néné, muito útil no primeiro tempo. Deu seguimento a todo o jogo que lhe foi passado. Decafu no segundo tempo. Simões, o jogador de sempre. Voluntarioso, teve aberturas excelentes. Virgílio, o melhor dos avançados. Um remate seu, milagrosamente salvo por C. Pereira, classificou-o. Bravo, seria o melhor jogador do Vitória se não fôsse a sua sistemática mania de tentar o goal. De mais que Avelino deixou-o à vontade. Assim, apesar da sua boa colocação, o trabalho foi nulo para a equipe.

O árbitro, o sr. António Neves foi o melhor colaborador do volumoso score do F. C. Pôrto. Apresentou-se sem juizes de linha e fez uma arbitragem péssima; se fôsse uma prova para exame, o seu trabalho merecia um zero.

A crónica atraz inserida é de autoria dum nosso amigo. Uma entorse, amarrum-nos ao leito, inibindo-nos de assistir a este jogo e para os leitores — que devem ser poucos — desta secção não ficarem sem uma apreciação critica desta partida.

ALMEIDA FERREIRA.

Roupa branca para casear

Acolta-se na

CASA DAS GRAVATAS

VENDEM-SE duas moradas de casas em bom local, dentro da cidade, pagando as rendas bom juro de capital.

Quem pretender dirija-se ao Solicitador Augusto Silva.

Do Concelho

(Retardado)

S. Torcato, 27.

Diversas Notícias

Na quinta-feira da semana passada, acompanhado do meu illustre amigo, sr. Sebastião António da Silva, professor oficial da freguesia de S. Torcato, visitei as freguesias de S. Salvador de Souto e Santa Maria, bons centros agricolas, ficando bem impressionado com a estrada camarária, que liga e muito beneficia a população daquelas freguesias.

Mal impressionado fiquei por vêr os cemitérios das duas freguesias cheios de capim da altura de um metro, especialmente o de Santa Maria, que está aberto e completamente abandonado, demonstrando que ali não há povo zeloso ou Juntas de freguesia que faça conservar os cemitérios em aceio e limpeza, pois que sendo ali o fim da Humanidade deviam as Juntas e habitanes das freguesias ter o máximo escrúpulo com aquele terreno sagrado. Somos de cá. Se fôssemos estrangeiros, que juizo fariam d'este povo?

Os habitantes de S. Torcato podem orgulhar-se de possuir um grande e lindo cemitério, bem conservado com todo o asseio, aonde a Junta e seus empregados se esmeram em o terem em limpeza.

Já se acha restabelecido de saúde, após longo sofrimento, o nosso amigo sr. Luis Alves de Freitas Torres, proprietário em S. Torcato.

As nossas felicitações. Na linda capelinha da água do milagroso S. Torcato os caidores e pintores trabalham activamente até à romaria, a-fim-de concluir.

Na noite de domingo passado, no lugar de Cabanas, desta freguesia, os gatunos assaltaram a propriedade do lavrador caseiro sr. Manuel da Silva, tendo-lhe furtado limões no valor de 250\$000.

Procedente do Seminário de Braga, em gôzo de férias, acha-se em casa de seus pais, em S. Torcato, o nosso amigo sr. Manuel de Matos, que este ano concluiu o décimo ano do curso teológico.

Ao futuro sacerdote apresentamos cumprimentos de boas-vindas e felicitamo-lo pelo bom êxito obtido nos estudos.

Rampal.

Briteiros (S. Salvador), 25.

Ante-ontem, ontem e hoje, a Citânia de Briteiros tem sido visitada por numerosíssimas excursões, vindas em caminhetas e carros ligeiros de toda a parte do Pais e até de Espanha, aproveitando a ocasião da passagem ou regresso das grandiosas festas do S. João que estão decorrendo em Braga. Todos admiram e ficam encantados ao contemplar as ruínas da grandiosa Citânia de Briteiros, que remonta a cerca de 2.400 anos distantes de nós, elevando-se a 336 metros de altitude de onde se disfruta um panorama deslumbrante!

Chegon, ante-ontem, às Caldas das Taipas, hospedando-se no Grande Hotel das Termas, propriedade do nosso amigo sr. Martinho Ribeiro

da Silva, uma numerosa excursão de Lisboa, sendo recebida, ali, por uma banda de música, contratada expressamente para esse fim, pelo dono do Hotel.

Os componentes desta excursão vão todos encantados pela maneira como o dono do Grande Hotel das Termas os recebeu e tratou durante os três dias, prometendo alguns deles voltar ali ainda nesta época.

Uma praga de formigas vem assolando, já desde há anos, toda a freguesia de S. Salvador de Briteiros, pelo que pedimos e se torna necessário que o Governô mande, urgentemente, estudar o processo da extinção de tão terrível flagelo, já mais visto em terra alguma do Pais, pois é necessário, sobretudo de verão, suspender as camas, dos caibros das casas! Esta praga invade terrenos, gêneros alimentícios e todos os aposentos das casas!

No «Bar das Termas», nas Taipas, realizou-se ontem à noite, uma luzida festa regional, seguida de «caldo verde». Tudo correu bem e no meio de grande animação.

Realiza-se, no domingo 14 do próximo mês de Julho, na escola mixta de S. Salvador de Briteiros, a cerimônia do encerramento das aulas, com exposição de trabalhos manuais dos alunos daquela escola e dos da escola do sexo masculino de Santa Leocádia de Briteiros, devendo assistir o Ex.º Delegado do Concelho de Guimarães.

Haverá recitações e cânticos, pelos alunos, e palestras pelos Ex.ºs Professores, Delegado e Antunes Guimarães Júnior.

A cerimonia, que começará pelas 14 horas, será seguida de passeio para todos os alunos, professores e convidados, ao alto da Citânia de Briteiros, onde haverá «pic-nic», seguido de bazar de prendas, em benefício das caixas escolares, e várias diversões.

O.

A situação affitiva duma pobre Senhora

Leitores! vinde em seu auxilio

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, rapidamente, a triste história duma desventurada Senhora: Veio à nossa redacção uma pobre senhora — Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade — que nos fez um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãe — uma velhinha que tem no rosto a expressão nitida da dôr — e falou-nos da sua affitiva situação, o que nos impressionou imenso.

Necessita a desventurada senhora de adquirir uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita que perdeu há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200\$000. Não é muito, mas para ela é uma importância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a quantia de 20\$000 e os nossos leitores e amigos vão ajudar-nos — temos disso a certeza — na missão a que nos propusemos.

Recebemos mais: Anónimo 5\$00 Transporte 173\$50 A transportar 178\$50

ANÚNCIO

No dia 28 do próximo mês de Julho, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e por deliberação no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Joaquim Francisco, morador que foi no lugar da Cabreira, freguesia de S. Clemente de Sande, desta comarca, em que é inventariante José Joaquim Francisco, casado, do mesmo lugar e freguesia, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, do imóvel em seguida mencionado, descrito no referido inventário e que será entregue a quem maior lance oferecer acima da avaliação:

IMÓVEL:

Casas térreas e terreno de horta e mais pertencas que constituem a propriedade denominada da Bouça, situada no lugar do seu nome, freguesia de S. Clemente de Sande, desta comarca. Está descrita na Conservatória sob o n.º 14.127 e vai à praça pela quantia de 600\$000.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos. A cisa fica a cargo do arrematante.

Guimarães, 29 de Junho de 1935.

O chefe da 3.ª secção,

Luis Cândido Lopes

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

Curso de Contabilidade

Guarda-Livros devidamente habilitado, lecciona praticamente, das 9 às 10 da noite, caligrafia, correspondência, escrituração e calculo commercial, garantindo o aproveitamento. Aceitam-se alunos. Informa esta redacção.

A LUTUOSA DE PORTUGAL.

(Associação de Socorros Mútuos) SÉDE: Avenida das Nações Unidas n.º 168 PÔRTO

ÉDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

Para os devidos efeitos se publica que, em Guimarães, no dia 13 de Junho do ano corrente, faleceu o sr. Alfredo d'Araújo Leão Martins, que era sócio n.º 7.978 de A LUTUOSA

DE PORTUGAL e residia na Rua da República, sem ter deixado declaração para entrega dos subsídios único e suplementar.

Por este motivo, são convocadas a habilitarem-se perante a Direcção da mesma LUTUOSA, de harmonia com o artigo 49.º do Estatuto, as pessoas que se julguem com direito aêquelles subsídios.

Pôrto, 22 de Junho de 1935.

O Presidente da Direcção,

Manuel Joaquim Tavares da Costa.

CAMISAS GRAVATAS

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES

LOJA DAS CAMISAS

Junto ao Café Oriental

PIANO

Vende-se um, vertical, para estudo, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Guimarães — Póvoa

Carreiras diárias de Caminhetas, com início em 1 de Julho.

João Carlos Soares, proprietário de três luxuosas caminhetas participa ao público em geral que inicia no dia 1 de Julho a carreira diária e directa entre Guimarães e a Póvoa de Varzim, sem trasbordo, com a seguinte tabela:

Ida ou volta 10\$00
Ida e volta 16\$00

HORÁRIO

Partida de Guimarães, às 7,30 horas
Chegada à Póvoa, " 9,30 "
Salda da Póvoa, " 17,00 "
Chegada a Guimarães, " 18,55 "

Escritórios:

Em Guimarães — Casa Braga & Carvalho
" Ronfe — Narciso Sousa Lobo
" Labrujo — Casa Macieira
" Póvoa — Casa Machado
" Vermoim — Almeida & Irmão
" Famalicao — Casa Ferreira
Na Póvoa — Casa António da Nova (Passo Alegre)